

Dinheiro só para o Incor?

César Galvão

O Governo do Distrito Federal acaba de anunciar a assinatura de um convênio de cooperação entre o Ministério da Saúde, a Secretaria de Saúde e a Fundação Zerbini para garantir o funcionamento do Instituto do Coração do DF (Incor/DF). Pelo acordo, o instituto irá receber uma verba mensal de R\$ 1,25 milhão, divididos entre o GDF, que arcará com R\$ 800 mil e o Ministério da Saúde, com os R\$ 450 mil restantes.

Não seria muito dinheiro para uma instituição privada, se a rede pública de saúde estivesse funcionando com sua capacidade plena. A estrutura do Hospital de Base pode muito bem competir com os melhores centros de cardiologia do País, inclusive com o Incor, desde que os equipamentos lá existentes sejam colocados para funcionar, já que cardiólogistas especializados não faltam.

Nada contra o Incor/DF, mas não podemos assistir sentados essa decisão do GDF de investir em um hospital privado enquanto o público está sucateado, sem equipamentos ou com aparelhos em desuso. A idéia original era aproveitar o espaço ocioso do Hospital das Forças Armadas para incrementar a cardiologia e a cirurgia cardíaca já existentes, que atendiam 90% do SUS e 10% dos militares. Mas não foi isso que aconteceu. Mais de R\$ 200 milhões saíram dos cofres públicos para a construção do Incor com capacidade de

apenas 50 privilegiados leitos.

Também saíram dos cofres do Ministério da Saúde R\$ 5 milhões para arcar com a folha de pagamento atrasada dos 428 funcionários, no período de abril e maio. O dinheiro é do Fundo Nacional de Saúde, por meio de uma emenda parlamentar autorizada pelo ministro da Saúde, José Gomes Temporão. Esse dinheiro também serviu para pagar as dívidas acumuladas. Muito mais racional seria investir esses recursos no Hospital de Base, já com tradição em cirurgia cardíaca e no

urgência cardíaca e hemodinâmica do HUB, parado há vários anos, voltasse a funcionar, atendendo não só a população como também contribuindo para a formação de jovens médicos.

Tão doloroso quanto à má aplicação do dinheiro público é ver o drama pessoal de vários médicos que vieram de São Paulo para Brasília, com a promessa de que o Incor/DF seria o segundo centro de cardiologia do País. Contratados pela Fundação Zerbini, (com salários dez vezes maiores do que o da rede pública), muitos deles deixaram uma vida e estão agora ameaçados de demissão, já que o Ministério Público fez uma ressalva ao convênio: de que nos próximos seis meses, uma nova fundação do Distrito Federal seja escolhida para administrar o Incor/DF e tenha, de preferência, cunho educacional.

Em crise desde janeiro, o Incor/DF chegou a interromper os atendimentos no dia 29 de março. Já na época, 12 mil pacientes do SUS estavam cadastrados, o que representa 80% de todo atendimento. Resta torcer pela sorte desses pacientes e cobrar do governo que as portas do Incor/DF sejam abertas a todos aqueles que necessitam de cirurgias cardiovasculares, implantes de marcapasso, cateterismo, e exames de monitorização ambulatorial, ecocardiografia, tomografia e ressonância magnética. Isso, só o tempo dirá.

‘’
Não podemos assistir sentados essa decisão do GDF de investir em um hospital privado enquanto

o público está sucateado

Hospital Universitário, esses sim com responsabilidade social.

Agora vem o governo e anuncia uma injeção mensal de recursos no Incor/DF enquanto os hospitais da rede pública definham a cada dia. Apenas 10% desses recursos seriam suficientes para que o serviço de ci-

■ César Galvão é presidente do Sindicato dos Médicos do DF